ANTONIO FERRO

A ARTE DE BEM MORRER

A ARTE
DE BEM MORRER

DO AUTOR:

Missal de Trovas (de colaboração com Augusto Cunha) — 1912 – esgotado.
O Ritmo da Paisagem (palavras para um poema sinfonico) — 1918 — fóra do mercado.
Arvore de Natal — 1920 — esgotado.
Nós (manifesto literario) — 1921 — fóra do mercado.
Teoria da Indiferença — 1921 — segunda edição — esgotado.
Colette, Colette Willy, Colette (conferencia) — 1921 — esgotado.
Leviana (novela em fragmentos) — 1921 — esgotado.
Gabriele D'Annunzio e Eu (cronicas de Fiume) — 1922.
As Grandes Tragicas do Silencio (conferencia de arte) — segunda edição — 1922.
A Arte de Bem Morrer (conferencia) — 1923.
A Idade do Jazz-Band (conferencia) — 1923.

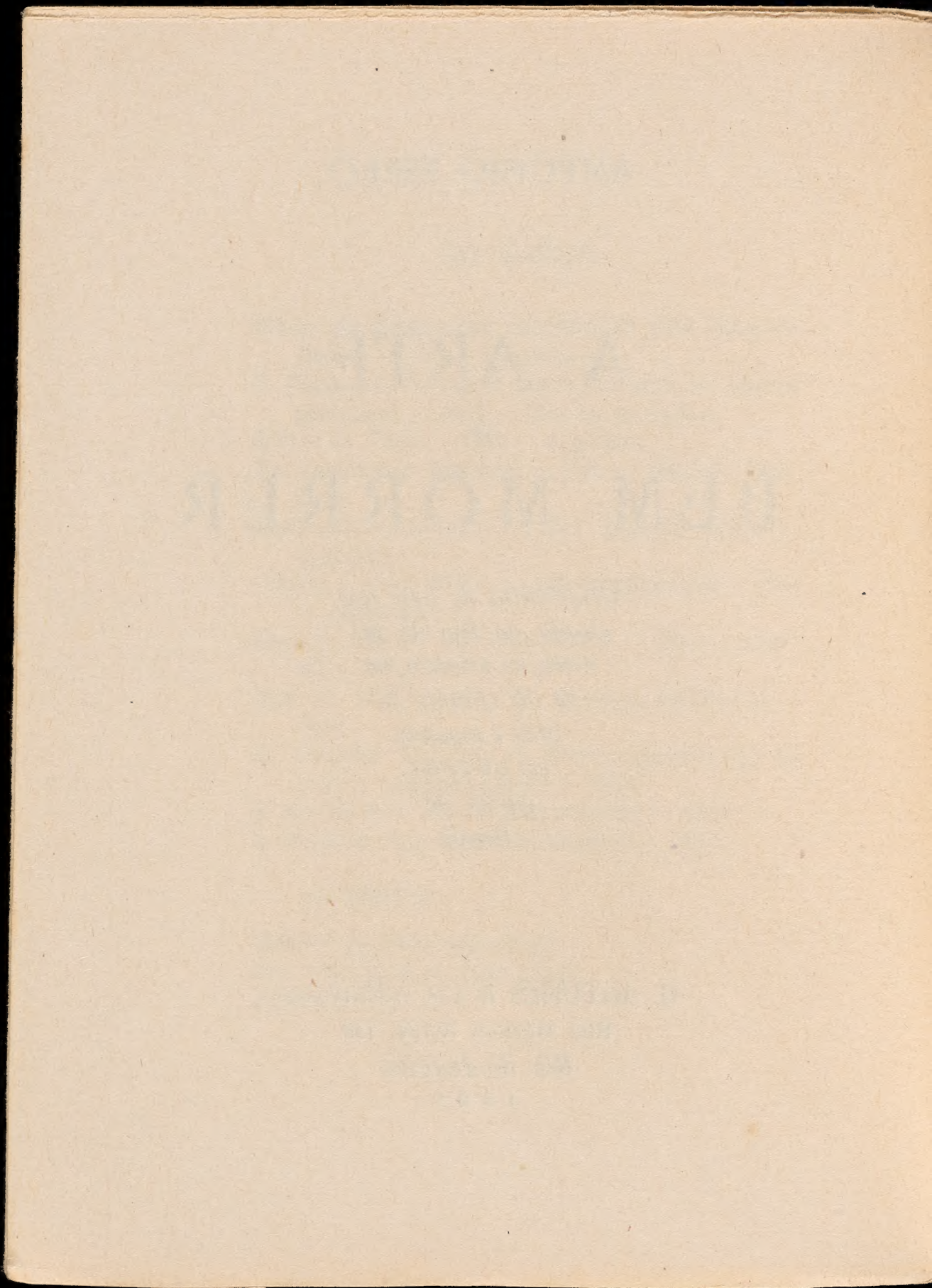
A SAHIR:

Batalha de Flores (cronicas).
Mar Alto (peça em tres actos).
Elogio das Horas.

ANTONIO FERRO

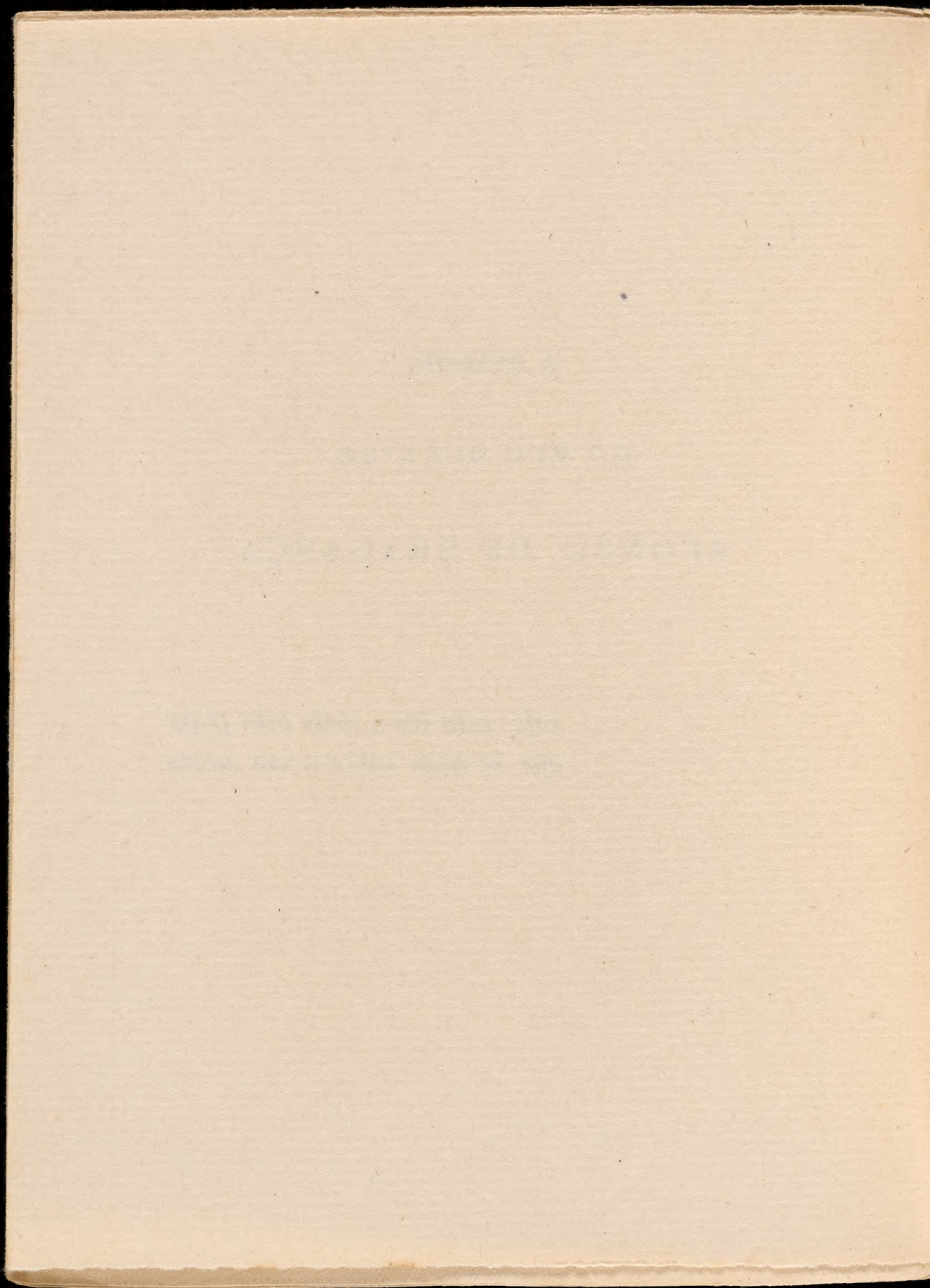
A ARTE
DE
BEM MORRER

Conferencia de arte realizada no Rio de Janeiro, no Trianon, em 21 de Junho de 1922 e repetida em outras partes do Brazil

H. ANTUNES & C.ª — EDITORES
Rua Buenos Ayres, 135
Rio de Janeiro
1923

A MEMORIA

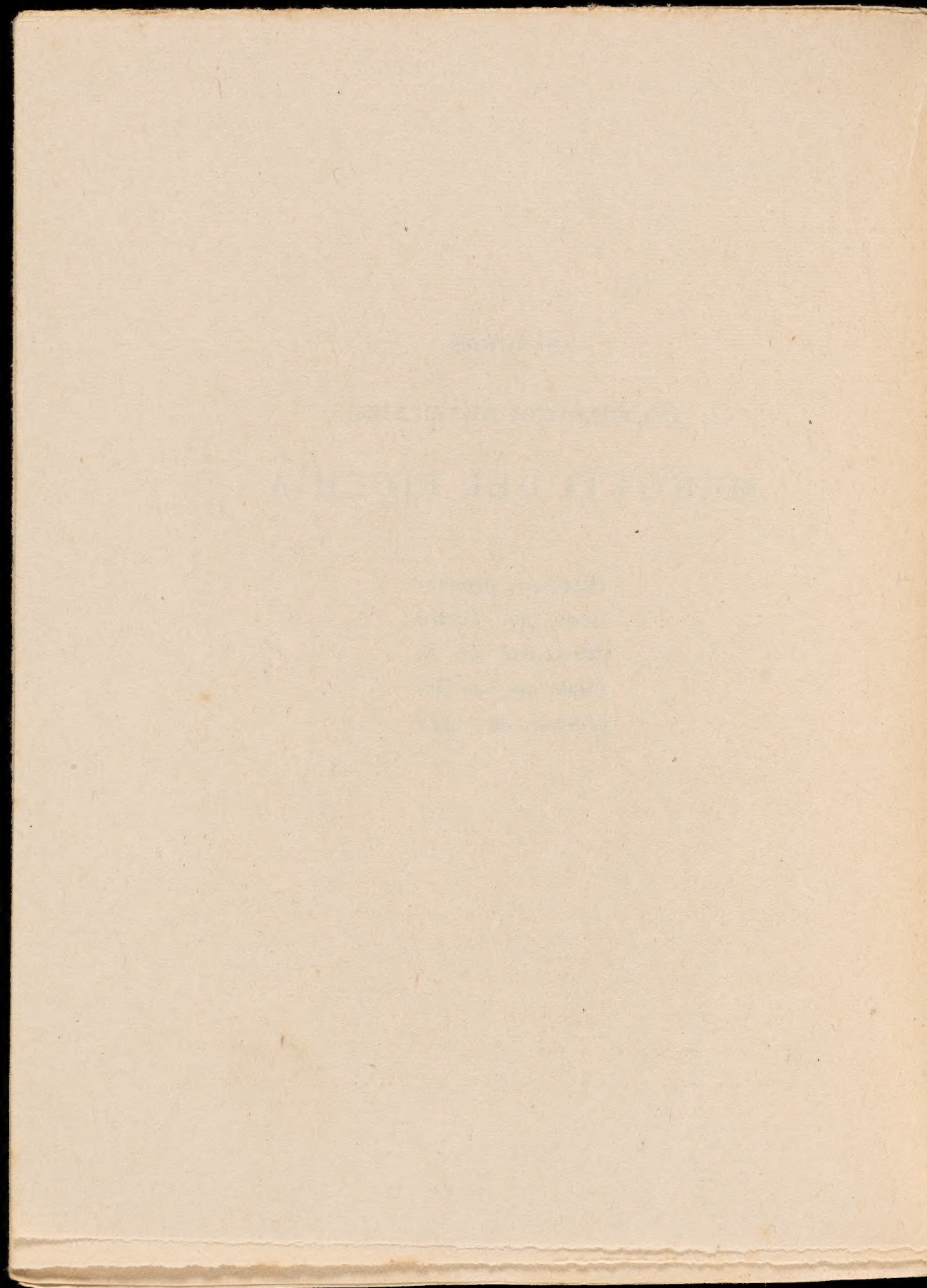
DO MEU QUERIDO

AFONSO DE BRAGANÇA

cuja vida foi a mais bela frase
que se disse sobre a sua morte

PALAVRAS

DO ESCRITOR BRAZILEIRO

MENOTTI DEL PICCHIA

Discurso pronunciado no Teatro Municipal de S. Paulo, em 5 de Dezembro de 1922

Fiel aos seus paradoxos, Antonio Ferro reservou-me uma alegria triste. Escalou-me para dizer-vos : «Esta é a festa da despedida».

A noitada de hoje tem, pois, o alacre e afflictivo aspecto da ceia de Petronio quando, pulsos em sangue, bello como um gladiador bebedo como Anacreonte, viveu o mais soberbo epigramma do seu «Satyricon». Até nisto sabe bem morrer para a vista da gente de S. Paulo — que na admiração e na saudade não morre siquer a morte transitoria da ausencia — este lusbelico «jongleur» das coisas do espirito.

Mas Antonio Ferro é sempre um paradoxo : antes de aqui vir, já aqui estava. Encontrou-se comsigo mesmo nos seus versos, que sabiamos de cór, nas suas phrases-lapides, que sabiamos de

cór. Viu-se trahido pela sua Leviana — *a trefega boneca articulada pelos seus nervos — que, nas noites estivaes, quando a lua é um sequim de prata ao peito de uma cigana indolente, andava enroscada ao nosso braço a ronronar coisas absurdas, trotando nos seus tacões altos pelos asphaltos urbanos, impondo a ironia do seu nariz arrebitado de garota na nossa alma theatral de sentimentalistas...*

Paradoxal ainda, Antonio Ferro vae, mas fica. É que — assim como sua boneca de «boudoir» se desdobrava nas sosias vivas das suas «toilettes» — o prosador sarcastico da «Theoria da Indifferença» realiza o milagre da ubiquidade com seus livros. Cada obra de Antonio Ferro é Antonio Ferro. Onde está um escrito seu, está sua presença. Jamais um autor foi mais sua obra que este «blagueur» profundo, que vive a turrar — que a arte é um artificio...

Quando se lê o que o diabolico fascinador escreve, tem-se a impressão de que se está conversando com elle. Seu divertimento predilecto — prodigio de intelligencia ! — é contrariar-nos, convencendo-nos. Irrita-nos, mas vence-nos. Provoca-nos, mas subjuga-nos. Mente, sorrindo, num desafio galante, como um jogador de florete simula um

golpe a fundo. Quando menos se espera, a verdade, como a lamina do esgrimista, trespassa-nos descobertos, entontecidos pelo floretear da arma elastica e esguia.

É que — ex.^{mas} sr.^{as} — nas apparentes mentiras do artista, ha verdades eternas! A Verdade... Mas para Antonio Ferro, a Verdade é uma coisa banal que precisa de mudar de roupa, para ser interessante, como a mulher de «toilette», para ser linda... Vae d'ahi vestir elle todas as suas verdades com a seda e a gase da mentira. Tecido filigranado e ondulante, urdido com fios de sol nos bilros de vidro das estrellas, trapeja sobre a carne macissa da Vulgaridade, espiritualizando-a. O açougueiro Zola — porque no fundo de todos nós ha um Zola e um Bourget — apparece, pela magia da sua arte, vestido á Marivaux. Os ádipes bambos de Rubens, a pigmentação sanguinea de Van Dick, afidalgam-se na graça de La Tour e de Fragonard.

Dessa maneira de mascarar a Verdade-megéra que tirita enroscada nos trapos de Dostoiewsky, e que torce suas mãos purulentas de Job nos uivos de Gorki — cifrou-se o libello que invectiva Antonio Ferro, arrastado, como o fino e lunar André Chenier, ao tribunal da critica exercida pelos hodiernos Marats veristas. Ignoram, porém, esses gro-

tescos «sans-culottes», que, sob o pó de arroz madrigalesco com que maquilha suas figuras, sob o cindre de golpe de «bâton», rythmando seu passo pela cadencia do «jazz», a eterna Verdade sangra, humanamente, como Maria Antonietta decapitada, tropéça no caminho do seu Calvario como uma Veronica afflicta! Leviana, *a garôta, tambem tem um coração sob o decote trescalando a saúde de carne núbil e a fragrancia de «L'heure bleue». Ha uma alma vertiginosa e em lagrimas sob seu riso canalha de hetaíra lisboeta!*

*

*   *

Antonio Ferro, com sua prosa «boîte-à-surprise», vae falar-vos da «Arte de Bem Morrer», *Schariar sem Scherazade, afia o alfange das imagens para a ceifa das sultanas. Sob o gume do seu estylo, que parece a guilhotina do crescente, vão tombar cabeças, como rosas. O Minotauro esguéla as fauces para deglutir o holocausto branco das virgens athenienses, coroadas de myrtos.*

Antonio Ferro vae matar! Nunca vi assassinos mais ferozes do que os artistas. Caim, o «recor-

dman» do crime, não tinha mais estylo, nem Caligula, o monstro, mais cynismo. Com uma só pennada degolam um pescoço, friamente, premeditadamente, como quem córta uma estría de presunto para o sandwich ordinario... Seus crimes se aggravam com requintes sadicos: dentes aguçados desfibrando carótidas fumegantes entre os musculos convulsos de um pescoço esquartejado; navalha revolvendo visceras quentes; bocas chupando o jôrro de sangue, que esguicha da ferida aberta com a ponta da faca... Eu mesmo — ex.mas sr.as — carrego na consciencia, placidamente, o remorso de alguns assassinatos. O que mais me pésa na alma é um uxoricidio. Matei, a tiros, uma de vós, no lance de uma violenta tragedia domestica, dentro das paginas da «Flamma e Argila».

Antonio Ferro vae matar. Vae matar para ensinar-vos a Arte de Bem Morrer. Apesar de paradoxal, não ousou ensinar-vos a arte de bem viver... É pratico: detesta utopias. A arte de bem viver não a conheceu Sardanapalo — o que morreu na fogueira; nem Alcibiades — apedrejado pelo ostracismo — nem Petronio — cuja agonia foi um bocejo —; nem Brummel — acuado pelos crédores como um javardo pelos cães em caça. Não a conhece Antonio Ferro, nem vós, meus senhores,

nem vós, ex.^{mas} sr.^{as}... A arte de bem viver se cifraria na arte de não viver, o que nos relega á arte preparatoria de bem morrer.

Caminhando por esse atalho — a que seductores illogismos nos conduz Antonio Ferro! — concluiremos que a graça e o esplendor da vida se resumem em preparar a suprema volupia da morte... E a ascetica renuncia de Buddha, o carpir lyrico de Thomás Kempis, o crocitar amargo de Schopenhauer metamorphoseam-se, pela alchimia paradoxal de uma transmutação de valores, num egoismo capaz de fazer córar Lucullo, o glutão; Heliogabalo, o lascivo; Nero, o estheta do hediondo. A Morte! Sultana vestida de noite, vem, para a alcova do tumulo, com sua taça bácchica cheia do môsto do esquecimento para a orgia macabra do Nada. Não é mais o mappa anatomico de ossos que castanholam as phalanges, tutucando a matráca das tibias, no desengonço dos seus passos grotescos. A Morte é a hetaíra amorosa e macía, cujo beijo tem um gosto anesthesiante de papoulas, cujo abraço nos immerge na vertigem voluptuosa de um somno sem madrugadas... Nella a vida se integra numa vida que abstrae o tempo e o espaço, ergástulos onde o destino humano encarcéra sua angustia, proporcionando-nos uma eva-

são para o mysterio da treva, da inconsciencia, do nada...

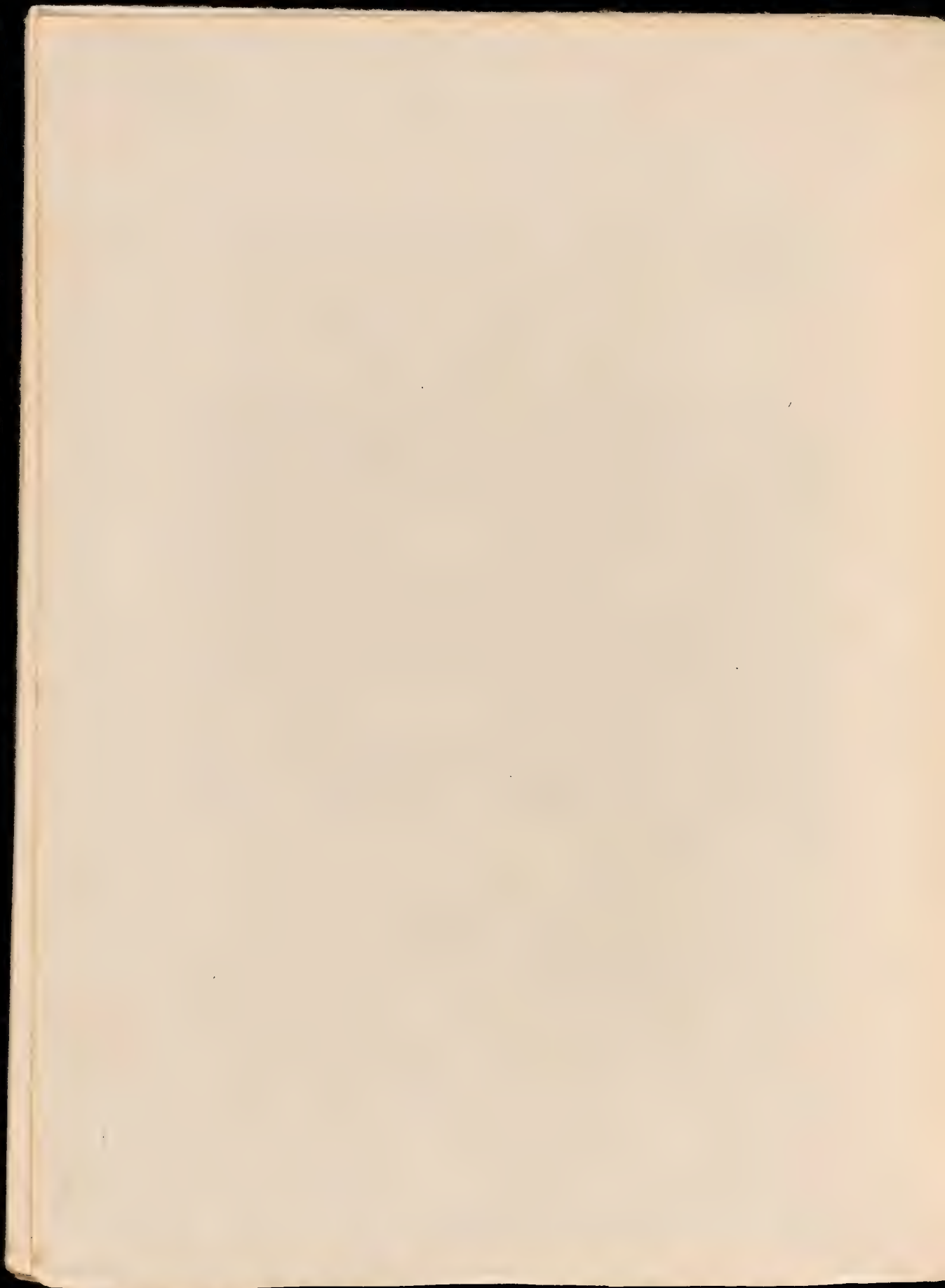
*

*   *

E agora, ponto final. Propuz-me enquadrar, na moldura desta prosa escura, o painel claro do estylo de Antonio Ferro. Acostumados ao vigor do seu colorido, á estructura solida das linhas das suas idéas, á audacia das suas pinceladas verbaes, quiz proporcionar-vos o contraste, para que mais esplenda sua gloria, no quadro luminoso que tracejará daqui a instantes. Como artista brasileiro, devia esta homenagem ao soberbo artista de Portugal. E que a magnifica prosa do fulgido autor de «Leviana» vos dê a alegria de sentirdes toda a delicia da vida, ouvindo-o falar da suprema volupia da morte !

Disse.

Menotti Del Picchia.

S. Paulo, Novembro, 1922.

CONFERENCIA

A Vida é o curso superior da Morte. Durante a vida deve aprender-se, apenas, a morrer. A Morte é uma prova de concurso para a Eternidade. Ela deve ser a nossa maior vitória. De resto, a Morte é um preconceito, uma invenção das agencias funerarias. Morrer é subir, abandonar o corpo como um fato velho. Não ha mulher mais linda do que a Morte. Ela adormece, ela fecha os olhos de quem deseja, ela cega como uma grande paixão. A morte é uma senhora. E' preciso recebê-la, é preciso ter o cavalheirismo de não a desiludir, de não a deixar envergonhada, vexada, no seu amor por nós. A Morte é mulher. E é talvez por isso, minhas Senhoras, que a mulher é, às vezes, a morte... A Morte, com rosto de morte, não existe. A Morte

é a apoteose da Vida, um final de acto, onde convem que a ultima frase seja de efeito. A Morte é um papão e nós não somos meninos. Morrer é passar para o lado de lá, é viajar... Nós falamos dos fantasmas, das almas do Outro Mundo, sem nos lembrarmos de que, para êsse outro mundo, nós somos, talvez, os fantasmas, as Almas dêste Mundo...

A Morte é uma encantadora: petrifica-nos. A Morte é um beijo do Alem, é a saudade que Deus tem de nós, é uma escultura da Vida, a ultima pincelada no retrato de nós proprios, o unico retrato que se parece comnosco. Verlaine, como ouvi a alguem, só teve semelhança comsigo, com o retrato de Carrière, no seu leito de morte. A Morte é o ultimo andamento da sonata, o primeiro passo para a Beleza Suprema. A Morte, minhas Senhoras e meus Senhores, é a Vida, é a Vida em repouso, a Vida de mãos postas sobre o peito...

Não haja malentendidos. Ao fazer o elogio da Morte, eu não digo mal da Vida, da Vida em movimento. Quanto mais perfeita fôr essa Vida, mais perfeita será a Morte. A vida é o caminho da Morte. E' preciso macdamisar êsse caminho. A Terra é o maior teatro. Viver é ensaiar o pa-

pel, que nos foi distribuido pelo Creador, papel que só interpretaremos na nossa ultima hora. Viver é juntar os dias em parcelas, somá-las no ultimo instante... Viver é compôr sobre nós um Outro-Eu, é dar ao nosso corpo e à nossa Alma o geito olimpico de um verso... Viver, meus Senhores, não é ser humano, é ser sobre humano. Não nos resignemos à materia, não nos resignemos a ser como todos, suicidemos o instinto, artificialisemo-nos o mais que pudermos, nunca sejamos nós, sejamos sempre aquele que não existe, sejamos sempre a mentira, sejamos sempre a nossa Arte. A Vida, para ser bela, não deve ser espontanea, deve ser premeditada, ensaiada, com a nossa inteligencia na concha da fronte, atenta como um ponto na ribalta... Os que vivem sem ficção, sem mentira, são os encarcerados, os empregados publicos da Creação. Se a Vida nos fornece tintas na côr das coisas, se nos fornece tela nos corpos das mulheres, se nos cede êste grande *atelier* que é a Terra, porque não aproveitamos, porque não fazemos Arte com a Vida, porque não fazemos como Deus, êsse extraordinario pintor dinamico, o adivinho do cinematografo ?...

Ha um segrêdo para viver bem, para viver sem

felicidade mas com beleza — que é, afinal, a unica felicidade. E' viver sósinho, é construir a nossa vida, como um teatro de papel, recortarmos, nós proprios, na nossa Alma, os personagens que hão-de contrascenar comnosco, fazer da nossa Vida um Guignol, dar às nossas mãos a humanidade das mãos de um saltimbanco, pôr Jehovah em nossos dedos... Para que havemos de procurar amigos, na Vida, se os podemos ter, mais fieis, mais dedicados, na Arte, nos personagens inofensivos das novelas, nos herois estaticos dos poemas? Para que hei-de reparar nos meus inimigos, insignificantes e torpes, se ha frases na minha obra, que são o meu constante remorso, frases infelizes mas grandes, frases crueis mas nobres?...

Dir-me-hão agora: E o Amor? Porque não se recorta o Amor? Porque não se recorta, na nossa Alma, a Mulher? Porque a Mulher não é apenas Alma!... Dessa forma, não haveria tesoura de artista, que conseguisse dar-lhe o debuxo... A Mulher é Carne, Alma e Sonho. A nossa mulher é a nossa carne. Quando a encontramos, continuamos sósinhos, porque as mulheres não vivem comnosco, vivem em nós...

As vidas isoladas são as vidas mais lindas, as

vidas mais acompanhadas, as vidas arquitectadas pela Arte, sem humanidade nem verosimilhança... Só a Arte, creiam-me, póde embelezar uma Vida. A Vida torna divino o Creador. A Arte é a divindade do Homem. A Arte foi dada ao Homem para que êle se fizesse Deus. Uma vida sem Arte é uma mulher sem beleza. A Arte é o ***bâton*** da Vida. Vida sem ***décor***, sem artificio, sem ***veloutines***, sem requinte, — é vida em trajes menores... Os Artistas são os enscenadores da Vida. As grandes sensibilidades só vivem felizes — na ilusão dos scenarios. Quem se resigna aos bastidores, — não merece ter nascido... O segredo de viver é o seguinte: viver como quem não vive, viver como se fôsse um sonho, tornar irreal a nossa presença na terra. As vidas acabam. Os sonhos, como não existem, não acabam nunca. Viver é ser efemero. Sonhar é ser eterno. Sonhemos, portanto.

Ponhamos Arte na Vida, jamais ponhamos Vida na Arte... Assim como os scenografos pintam os scenarios onde os maiores dramas se vão desenrolar, assim todos os artistas, antes de viver, devem pintar a sua vida... Ponhamos Arte na Vida! — gritarei sempre. Corramos reposteiros de brocado e de sêda sobre toda a mi-

seria; em cada chaga plantemos uma estrêla, que em cada porta o azul se rasgue, que todos os corpos vibrem como versos... E jamais, jamais — grito mais alto ainda! — ponhamos Vida na Arte .. A Vida cai sobre a Arte como chuva violenta, como um temporal desfeito. A Vida é o Homem. A Arte é Deus. Que a Vida, portanto, respeite a Arte, que não queira subir até ela... O que é belo, o que é vitorioso, o que é supremo, é arrancar à Vida a sua porção de divino, dar apenas as linhas mais altas, as que mais sobem, dar apenas as côres mais fortes, as mais inverosimeis... O que é preciso, numa frase, é restituir à Arte o que a Vida lhe roubou.

E é assim, é vivendo com Arte, minhas Senhoras e meus Senhores, que se aprende a bem morrer. Quem sabe artificializar a Vida, porque não ha de artificializar a Morte? Desde que se tenha uma atitude, à hora de morrer, a morte deixa de ser uma realidade - para ser uma atitude... Morrer bem é viver para sempre, é ser imortal, é pôr a morte sobre nós, a morte negra, como uma casaca. A morte é natural, como tudo, como uma flor, como um beijo, como uma vida... Os assassinos são os maiores filosofos da morte. Não lhe dão importancia nenhuma. Êles matam como

quem fuma, êles matam como quem rasga documentos impertinentes... Um punhal, nas suas mãos, é uma raspadeira. Êles esgotam uma vida — como quem lê um livro. Os assassinos matam sem remorso porque matam sem ambiente, sem *décor:* à esquina de uma rua, num borrão de sombra, em plena floresta, no scenario ingenuo duma casa burguesa... O que exagera a morte, o que lhe dá fisionomia, o que lhe dá côr de morte, é o ritual, a maquilhagem sinistra, que os homens lhe puseram: os grandes panos negros, as eças, os tocheiros altos, as flores cortadas, como cadaveres, sobre os cadaveres... Ha uma pagina, na minha saudade, que eu vou colar a esta conferencia porque exemplifica o que a morte tem de dóminó, o pavor que ela pode inspirar quando surge, em *toilette,* e a indiferença que ela provoca, quando vem como Deus a fêz.

Foi em Loanda, em Africa, essa Africa onde o Infinito é mais perto, onde a noite desce, rapidamente, sem transições, como tampa de sarcofago. Na fortaleza dos Degredados, plantada ao alto da Cidade, como um espantalho, morrera a mulher do comandante, uma linda mulher, linda de corpo e alma. Tinha os labios em coração e o

coração como uma bôca sensual e fresca. O comandante era brusco, sacudido, feroz, com um açoite de sete pontas na voz aspera, homem severo, implacavel, sempre disposto ao castigo, raramente resolvido a perdoar... Êsse *raramente* era ainda a mulher, a mulher rara, que ali, na fortaleza, em seu carinho e ternura, era o indulto, o indulto de todas as condenações... Muitos lhe ficaram devendo alguns dias a menos na Casa da Cal, a terrivel prensa, meio metro para dez almas, à torreira do sól, moldando os corpos em cicatrizes... Quando ela, a providencia loira, surgia de manhã, no pátio da Fortaleza, todos sentiam a pena diminuida, todos viam o ceu, através os ferros da cadeia... Pois morrera, morrera a mulher do comandante, numa tarde suave, numa tarde lirica, numa tarde-petala de rosa... Ao ser conhecida a noticia da sua morte, a Fortaleza ficou toda alagadinha de tristeza... A grande Fortaleza foi-se comprimindo, foi-se apertando em dôr, até ficar do tamanho da Casa da Cal, pequena como um coração em sangue .. E no dia do funeral, à hora em que o corpo saía da casa do comandante, linda gaiola vazia, os degredados, craneos rapados como planicies sêcas, fatos em ganga, com a alma em

sêda, por momentos, tinham formado alas no pá-
tio, cabeças baixas, guilhotinadas de magoa...
E quando o corpo passou, todos aqueles homens,
habituados à morte, irmãos do crime, tinham la-
grimas nos olhos, lagrimas choradas pela morte
de alguem que era um pouco da sua vida...
Pela primeira vez, nas linhas hirtas do scenario
tragico, no convivio daquela existencia tranquila
e santa, êles, os assassinos, tinham visto a Morte,
a Morte vestida, a Morte séria, tão diferente
daquela morte que êles conheciam, daquela
morte que êles não respeitavam... Foi o homem,
na verdade, quem estragou a Morte, quem fêz
dela uma mulher de luto... Foi a Vida, foi a
Vida quem inventou a Morte... O que dá vida
à Morte, é a solenidade, o ritual, o scenario pom-
poso e retorico... Para os assassinos, a Morte é
nua. Por isso não a respeitam. Façamos como
êles. Matemos a Morte! Vamos desmascará-la,
arrancar-lhe o dóminó negro, vamos acordá-la a
golpes de Jazz-Band... Ensinemos o tango à
grande depravada... Que os corpos tombem,
mas tombem, como estroinas exaustos em noites
de folia .. Façamos rir as caveiras com os seus
olhos infinitos... Em vez de ataúdes, *maples*, —
os grandes sarcofagos da vida moderna... Em

vez de flores cortadas, açucenas e goivos, — labios em febre... O processo não é meu. Já Marinetti o gritou, em qualquer manifesto. Mas as ideias, como as vidas, não acabam. Eu canto o que Marinetti gritou, eu canto a Morte de cabelos soltos, eu canto a Morte que sabe cantar, eu canto a Morte boemia...

Foi em Paris, numa revista das *Folies*, que eu encontrei o verdadeiro simbolo da Morte viva, o grande segredo da Eternidade. Montmartre. Em frente duma casa suspeita, depois duma scena violenta, um marujo crava um punhal no peito da *gigolette* — um aventalinho encarnado sobre um vestido negro — encarnado e negro. a bandeira do crime. A ronda vai passar. O marujo está perdido. A seus pés, o corpo da amante breve, é uma condenação. Fugir é impossivel. Já não ha tempo. Dansa-se na casa suspeita, um rez-de-chão com uma janela oxigenada no meio da noite... O marujo não hesita. Ergue o cadaver da amante, como uma pluma, põe-lhe os braços bamboleantes sobre os ombros fortes, e dansa, dansa com êle, ali, no meio da rua, emquanto a ronda passa, uma valsa ignobil, uma valsa *apache*, aguda como um punhal... Façamos todos o mesmo, minhas Senhoras e meus

Senhores: levemos a Morte nos braços, como uma *gigolette* apunhalada...

Ha quem tenha feito assim, ha quem tenha sabido morrer, ha quem tenha possuido a Morte, com grandeza, com lialdade, com orgulho... Foi sôbre êsses, sôbre os azes da Morte, que eu escrevi esta conferencia. Eu colecciono mortes gloriosas como quem colecciona borboletas, a ver aquela que tem as asas mais belas, a ver aquela que pode fazer-me voar mais alto...

Primeiro que todos, Jesus. O Homem Divino, O Homem Deus, o Homem que morreu para ser eterno, o Homem de olhos meninos, o Homem que abriu um parentesis de ceu na terra...

Meio Dia. Hora-Cruz, hora em que o Sol é o grande Christo na ascenção. O cortejo vai a caminho do calvario, a caminho do Golgotha, o *craneo* do Christianismo... Ei-lo, o baixo-relêvo de tragedia e dor, relêvo em alma, alma que se fêz carne para ser esculpida; Jesus, os dois ladrões, os soldados romanos, as mulheres em lagrimas — maximas de Jesus, maximas de labios em flor... Christo não suporta a Cruz: leva já uma dentro de si... Simon de Cyrene, o camponês, é quem a leva, forçado pelos centuriões, a Cruz, que lhe tatuou a alma, que o fêz chris

tão... O cortejo, o funeral de Jesus em vida, chega, finalmente, ao Golgotha. Artista da Morte, o maior escultor da Morte, Jesus recusa a bebida consoladora, que é de uso dar-se aos pacientes, recusa a venda, que lhe querem pôr nos olhos, a venda da embriaguês... Despem-no, ligam-no à Cruz, à Cruz mistica, que lhe vai apressar a morte, piedosamente... Põem-lhe cravos nas mãos, que, daí a pouco, já são cravos vermelhos. Christo, o maior modelo, o maior modelo de virtudes, posa na Cruz, posa para a Humanidade, posa para o futuro... Ha tanta claridade no seu corpo, ha tanta luz nas suas chagas, que de Cimabue a Greco, todos o vêem, todos lhe dão a imagem unica, que à força de mirrada, de exigua, é quasi tinta, pintada a suor de amor sobre o madeiro...

Jesus tem sêde, sêde de infinito. Pede para beber .. E em vez de infinito, dão-lhe vinagre... Aos lados de Jesus, como moldura negra, cercam-no os dois ladrões... A seus pés, os guardas jogam-lhe as vestes, as vestes onde ficaram escritas as linhas saudosas do seu corpo .. Sobre a Cruz, em três linguas, latim, grego e hebraico, a legenda infamante: *o rei dos judeus.* Maria Cleophas, Maria de Magdala, Joana, Salomé a

distancia, guardam, na Cruz bemdita dos seus olhos, para sempre, o corpo florido do martir... Os dois ladrões insultam Christo, impotentes, raivosos, por não saberem roubar-lhe a divindade... E Christo sorri, e Christo perdoa, e Christo tem a morte sobre os labios — como um beijo... Põe os olhos no ceu, como duas rezas, e exclama com uma voz forte, a ecoar no mundo e a ecoar no ceu: «O' pai! Entrego o meu espirito nas tuas mãos...» E, após esta frase ascencional, a cabeça tomba-lhe sobre o peito, como um lirio cortado...

E foi Jesus, minhas Senhoras e meus Senhores, o primeiro Homem que soube morrer, o primeiro Homem que não acreditou na Morte...

*

* *

Na Historia de Roma, historia de herois, de santos e de cortezãs, uma Historia que é a patria das historias, os domadores da Morte, são frequentes.. Foi Marco Antonio, que morreu por ter submetido o Imperio de Roma ao imperio de um corpo. Foi Cleopatra, a mulher que ambicionava ter o mundo no dedo, como um anel,

que apareceu morta, vestida de rainha, com duas escravas mortas a seus pés, a mulher que morreu por certo, com o grande desgosto de que a Vida continuasse, após a sua morte... Foi Petronio, o primeiro Principe da Estetica que, para não morrer a mãos estranhas, morreu, às suas proprias mãos — abrindo as veias como quem escreve versos... Foi Nero, o grande Nero, o primeiro scenografo, o prodigioso autor do Incendio de Roma, que, ajudado por Epafroditas em casa de Faoonte enterrou um punhal na garganta, miniaturando, em si proprio, o grande incendio. . Foram Julio Cesar, Brutus, Cicero, tantos outros, mandatarios dos seus corpos e das suas Almas, senhores d'aquem e d'alem Vida...

. . . .

Da vida dos Santos, para não citar mais, apenas a doce iluminura de S. Francisco. O Santo que viveu entre versos, para viver entre anjos, está na agonia, nas ultimas vinte e quatro horas do livro de Horas que foi a sua Vida. E' numa cabana, perto de Assis, em plena floresta, uma floresta chorosa e crente. Em volta do catre de S. Francisco, os irmãos Anje e Leon, cantam, a

embalar-lhe a alma, o Cantico do Sol, oração tão grande, tão ardente, que é quasi o sol em palavras...

O Santo murmura, rumoreja, como uma folha de arvore, os ultimos versos dêsse cantico: Béni sois tu, Seigneur, mon Dieu, pour notre sœur la Mort!» E em seguida S. Francisco de Assis, o maior amigo da natureza, pede ao seu guarda que o dispa, porque o seu fim é proximo, e êle quer morrer nú sobre a terra nua... No dia seguinte, no ultimo dia da sua vida terrena, S. Francisco, o voluptuoso da Humanidade, pede aos seus irmãos que espalhem cinzas pelo seu corpo . E justifica-se: «Daqui a pouco, eu nada mais serei do que pó e cinza». Ao anoitecer, ao primeiro *schiu*... da floresta, S. Francisco principia a cantar com uma voz forte, com uma voz eterna .. E' o psalmo 142 de David. Cala-se a voz, finalmente, a voz que nunca mais se calou, que nós ouviremos sempre nas petalas ritmicas das *Fioretti*... Porque se calou a voz, porque se cala tudo, porque se cala o proprio silencio? E' que o santo morreu, morreu a cantar como quem madruga, como quem amanhece para a eternidade... Após a morte do maior santo, o maior silencio, um silencio santo, um silencio-monge, e sobre o silen-

cio, num derradeiro adeus, o canto das cotovias, as discípulas de S. Francisco, as unicas herdeiras do ritmo dos seus poemas...

*
* *

Os Capetos, o Terror, toda a Revolução Francesa, são anos torvos que se reabilitam com meia duzia de mortes heroicas, mortes que são telas admiraveis pintadas a sangue, estatuas imortaes, esculpidas pela guilhotina. Foram Sallas e Marchais, que, nos ataques às Tulherias, morreram em frente à camara do Rei, corações ao alto, na ponta das espadas, gritando esta frase magnifica, aos marselhezes: «Queremos morrer no nosso posto, no umbral que jurámos defender». Foi Clermont-Tonnerre que, até à ultima, teve palavras inteligentes para os seus assassinos, palavras que o ressuscitaram para a Historia.

Foi a morte de Luiz XVI, morte quasi linda, ligeiramente tremida, como caligrafia imperfeita de menino. O ultimo despacho real de Luiz XVI foi para favorecer o seu confessor. Já no cadafalso, voltando-se para os oficiaes, para os gendarmes, para os carrascos, recomendou, imperativo: «Que ninguem insulte êste homem depois da minha

morte: Deixo-vos êsse encargo». Ninguem lhe respondeu. Quizeram despi-lo. Luiz XVI não consentiu. Êle proprio tirou o casaco e a gravata. Mas os verdugos, insistentes, quiseram ainda atar-lhe as mãos. O Rei teimou em defender-se. Foi o confessor, o seu ultimo protegido, quem o convenceu a não resistir mais, ungindo-lhe o amor proprio, com esta frase christã: «Sofrei sem resistencia mais êste ultraje como a ultima semelhança entre Vossa Magestade e Deus». O Rei olhou-o, olhou-se Deus... e concordou: «Na verdade, basta-me o exemplo de Deus para sofrer esta afronta». Subiu os degraus do cadafalso, pelos braços do sacerdote. Ao chegar ao tablado, à ultima ribalta, à ultima scena da sua vida teatral, ordenou aos tambores que se calassem, aos tambores obedientes, sugestionados... — "Povo! — gritou Luiz XVI, a querer viver ainda na alma da multidão. — Morro inocente de todos os crimes que me atribuem, e peço a Deus que o sangue que vai ser derramado não caia sobre a França!» Não disse mais. Os tambores, carrascos da sua voz, não lho consentiram. Luiz XVI, em passos vagarosos, passos para a morte, dirigiu-se à guilhotina, — a grande corteză, — e entregou-se aos verdugos. Um ultimo olhar ao confessor, um

ultimo olhar para a sua alma, e Luiz XVI, ali, na Casa da Moeda do Cadafalso, cunhou o seu ultimo Luiz, — a moeda tragica da sua cabeça decepada...

Foi Carlota Corday — a Joana D'Arc da Revolução Francesa — que morreu com a mesma segurança, com a mesma naturalidade com que matou Marat, sem drama, sem lagrimas, revoltada, apenas, no seu pudor, quando o carrasco lhe descobriu o peito, o seu peito conventual, com o coração em reza. Após a sua morte serena, um dos ajudantes do carrasco, um tal Legros, quis lisongear, ignobilmente, o povo-fera, segurando com uma das mãos a cabeça de Carlota, esbofeteando-a com a outra...

Ha quem diga que as faces da martir se tingiram de sangue, que a sua cabeça se fêz corpo, que Carlota ressuscitou, por momentos, para afirmar, pela ultima vez, a sua Alma virginal...

. . . .

E' Maria Antonieta, a Santa Frivolidade, a rainha que foi a boneca de loiça da revolução, a boneca partida, estripada, pelas mãos infantis, tragicas e grotescas dos republicanos de 89, dos *sans-culotte* e dos *sans-coeur*. Na Praça da Revo-

lução, Paris cabe todo ali, nas janelas, nos galhos das arvores, nos candieiros, por toda a praça. Todas as cabeças se erguem, emquanto uma cabeça, — a mais bela, por certo, — vai cair... Maria Antonieta, essa pluma feita mulher pela guilhotina, sobe os degraus do cadafalso, com magestade, com altivez, como quem sobe os degraus dum trono... Ao passar junto ao carrasco, por distracção, pisa-lhe um pé. O verdugo queixa-se. E a Rainha, cada vez mais rainha, balbucia, humilde e nobre: «Foi sem querer. Perdoai-me». Em seguida, ajoelha-se e reza. E depois da reza, o ultimo adeus aos filhos, com os olhos postos na Torre do Templo: «Adeus, pela ultima vez, queridos filhos. Vou ter com vosso pai». E' a primeira hora de emoção e ternura, que o carrasco sofre. A sua mão vacila ao desprender o cutelo, mas, nem por isso, a cabeça de Maria Antonieta, — êsse Trianon do seu corpo — deixa de ser cortada, cortada como uma flor que a França, quer queira, quer não, ha-de ter sempre ao peito!...

. . . .

E foram os vinte e um girondinos, vinte e uma cabeças que floriram o cadafalso, tudo quanto

havia de saudavel, de novo e de bom, na revolução, a mocidade da republica. Ao chegar ao cadafalso, abraçaram-se todos, bem juntos, bem ligados, para que ao morrer um — morressem todos... Para acompanhar o monologo sinistro e vesgo da guilhotina, resolveram cantar, em côro, a Marselheza, o hino tragico, — a sua verdadeira guilhotina, afinal... A' medida que as cabeças iam tombando, como ideaes caidos, o côro diminuia... Todos morreram com heroicidade. Silery saudou o publico com um sorriso, como quem vai diverti-lo. Dos vinte girondinos, por fim, só restava um: Vergniaud. Em sua boca tremulou, até ao seu ultimo suspiro, como um estandarte, a Marselheza... Os girondinos — cotovias da revolução — morreram todos a cantar...

Foi o Duque de Orléans que morreu como um principe, vestido como para uma festa, que se dirigiu para a guilhotina como se fosse pedi-la para dansar. Foi o General Dampierre, que morreu na guerra com os austriacos. A' frente dum destacamento, a cavalo, atirou-se a um reduto. «Para onde vais, meu pai?» — gritou-lhe o filho, seu ajudante de campo. «Meu amigo — respondeu Dampierre — prefiro morrer no campo da honra a morrer na guilhotina». Esta frase cortan-

te caiu sôbre êle, como um cutelo. Mal tinha acabado de pronunciá-la foi atingido por um tiro de canhão, que o deixou moribundo.

Foram as execuções de Lyon, — concurso de mortes epicas, de mortes gloriosas, mortes com as mais belas legendas, mais frases do que mortes...

Dutaillon, quinze anos, quinze anos de vida, seculos de alma, que morreu com alvoroço, suplicando ao carrasco: «Meu pai tem um lugar, para mim, lá em cima. Não o façamos esperar». Em Feurs, um filho de Monsieur de Rochefort, que ia ser fuzilado com seu pai e com mais dois parentes, sobreviveu à primeira voz de fogo. A turba, apiedada pela meninice do condenado, quis salvá-lo. O comandante do pelotão, prometeu satisfazer o povo. Mas o jovem realista, abraçado ao cadaver de seu pai, recusou se a ser salvo, com êste grito admiravel: «Não, não quero o vosso perdão. Não quero dever-vos a vida. Quero morrer! Sou realista. Viva o Rei!...» E regressou ao ceu. Lamartine, que me ensinou a contar estas mortes sonoras, orquestrais, conta, ainda em prosa, como se fosse em verso, a morte de Maria Adrian, mulher-soldado, que havia combatido com os irmãos e com o noivo, nas fileiras dos

artilheiros lioneses. Dezasete anos, muita alma, um coração. Bela, honesta e noiva. «O teu nome?» — preguntou-lhe o juiz. «Maria, o nome da mãe de Deus por quem vou morrer.» «A tua idade?» «Dezasete anos, a idade de Carlota Corday.» «Como pudeste manejar um canhão contra a tua patria?» «Defendi a França.» O juiz, impressionado, quis salvá-la. «Que farias, se te concedessemos a vida?» «Atravessar-vos-ia com um punhal», respondeu sem uma hesitação, sem um estremecimento, esta fleugmatica heroina. Subiu os degraus do cadafalso, sem uma ajuda, como num vôo. E antes de morrer, antes do grande beijo da guilhotina, gritou duas vezes: — «Viva o Rei!»

Foi Madame Roland, a autentica republica, uma das mais lindas mortes da revolução. Madame Roland foi executada no mesmo dia que Lamarche, um pobre velho que morreu, sem saber bem porquê. Madame Roland, voltando-se para o carrasco, pediu-lhe como ultima graça: «Consenti que Lamarche seja executado primeiro do que eu.» E fitando, enternecida, o pobre velho, disse-lhe com um sorriso: «Subi primeiro. O meu sangue derramado perante vós, far-vos-ia sentir duas vezes a morte...» Executado Lamarche, para não dizer assassinado, Madame Ro-

land, toda de branco, como o seu ideal, subiu, serenamente, os degraus do cadafalso. Os seus cabelos negros tarjavam-lhe a cabeça formosa, punham-na de luto por si propria. Uma estatua colossal da Liberdade, uma estatua de barro, uma liberdade fragil, estava situada no meio da praça. Madame Roland olhou-a, como se ela fosse o seu carrasco e invectivou-a: «Liberdade! Quantos crimes se têm cometido em teu nome!» E dita a grande frase, a cabeça de Madame Roland rolou no cadafalso... Tinha morrido a liberdade, a liberdade de carne e osso. E em vez dela, ficava, ali, no meio da praça, boçal, alvar e estupida, uma liberdade de barro...

Foi Guadet, o ultimo girondino, que morreu pondo-se em frente à multidão, como um remorso: «Olhai-me bem. Eu sou o ultimo dos vossos representantes.» E ao sentir a sua voz naufragar na tempestade ruflante dos tambores, gritou ainda: «Eis a eloquencia dos tiranos!» Foi Bailly, executado numa tarde fria, impiedosa, numa tarde-Robespierre: «Tremes, Bailly?» — perguntaram-lhe... «Sim, tremo, — respondeu — mas não é de medo, é de frio...» Foi Biron, um discipulo de Epicuro, que até à hora da morte se banqueteou, acamaradando com os carrascos.

Foi Danton e Hérault. Ao sair da carroça, Hérault quís beijar Danton, o seu maior amigo. O carrasco, sempre carrasco, guilhotinou-lhes o beijo, separando-os brutalmente. «Barbaro! – gritou Danton — poderás impedir que as nossas cabeças se beijem daqui a pouco, ali, no cesto?» O cadafalso foi a ultima tribuna de Danton. A sua morte foi o seu ultimo discurso. Recordou, em voz alta, a sua querida mulher, o unico ideal que não o atraiçoou. Para não se deixar vencer pela emoção, repreendeu-se: «Vamos, Danton, nada de fraquezas!...» ... Com a sua voz imperativa de orador, ordenou em seguida ao carrasco: «Mostra a minha cabeça ao povo! Merece a pena que tenhas êsse trabalho». E efectivamente, a cabeça de Danton pairou sobre a praça, nas mãos do carrasco, como um sol... Camilo Desmoulins foi executado no mesmo dia que Danton e Hérault. Morreu como uma mulher futil, como a Dubarry, com muitas lagrimas, com muita retorica, como uma cortezã que morresse nova e bonita. «Eis aqui — gritou êle ao povo — o primeiro apostolo da liberdade. Os monstros que me assassinaram não sobreviverão muito tempo». Mas no ultimo gesto de entregar ao carrasco alguns dos seus cabelos para que fossem entregues

à mãe, como ultima reliquia, Camilo Desmoulins · o rouxinol da revolução — conseguiu morrer bem, — por um triz...

Foram os dois poetas, Roucher e André Chénier, que entretiveram o caminho da prisão ao cadafalso, estabelecendo hipoteses sobre o outro-mundo... André Chénier, no momento em que a sua cabeça ia ser metrificada pelo cutelo, em redondilha maior, dedicou-lhe a elegia desta frase, batendo com a testa contra um pilar do cadafalso: «E' pena! Eu tinha alguma coisa aqui dentro! ..» E foi, finalmente, Robespierre, o *souteneur* da guilhotina, o fumador de vidas, o espantalho da revolução, o inverno da França, o Carrasco Maior, a grande Fera, o Carniceiro Supremo, que morreu, no cadafalso, firme, decidido, energico, frio, como um ponto final, um ponto final enorme, a esborrotear... A guilhotina, cortando a cabeça de Robespierre, foi o grande mata-borrão da Republica Francesa...

*
* *

Um *intermezzo* a tanta morte. Se continuo assim, sem uma tregua, sem uma pausa, sinto que

vou ser o carrasco de todos os que me escutam, resignados e tristes, morrendo heroicamente. . Eu sei. A minha conferencia é demasiado Guignol, demasiado sangrenta. Mas está tudo na maneira de ouvi-la. Por cada ser que eu mato, são dezenas de frases que ficam a viver... Essa fecundidade da minha Arte fará, talvez, com que eu seja perdoado. Para se consolarem de tanta morte que eu lamurío, lembrem-se de todas aquelas que eu não conto... E eu tenho ainda a vaidade, minhas senhoras e meus senhores, de vos falar da morte com tanta vida, que em vós já não existe a ideia da morte senão como a de uma grande festa elegante, um baile de embaixada, uma audiencia régia. Com a certeza que vos dou de que não prolongarei muito mais esta necrologia, eu dou por findo este *intermezzo*...

*
*   *

Na Historia de Portugal — esse romance de aventuras — tem-se sabido morrer, alicerçar a Raça... Portugal teve verdadeiros mestres na Arte de Bem Morrer. Citá los todos — não me é possivel. E' tão dificil como contar estrêlas...

Foi D. João I, o Mestre D'Aviz, o Santeiro de Nuno Alvares, o Rei da Boa Memoria, que soube morrer no dia do aniversario de Aljubarrota, que soube morrer nêsse dia, para ter o pretexto de ir visitar, à Eternidade, numa homenagem, os seus irmãos de armas, mortos na batalha... Foi o Infante Santo, o martir de Fez, bemdita Cruz de Christo em sangue, que morreu a confortar Frei Pedro Vaz, junto do seu leito, para o confortar...

. . . .

São D. Pedro de Alfarrobeira e Alvaro Vaz de Almada, os dois grandes amigos, irmãos pelo sangue, pelo sangue derramado nas batalhas... Em Alfarrobeira, D. Pedro, destemido, português, enorme como um verso de Camões, morre com um virote no coração, disparado por mão certeira. Um pagem avisa o Conde de Avranches, D. Alvaro Vaz de Almada. O Conde de Avranches ordena, ao pagem, o maior silencio sôbre a morte de D. Pedro. Vai à sua tenda de campanha, come e bebe para ganhar forças, e volta para a refrega, matando o maior numero de inimigos, a ver se alcança uma soma que valha a

vida de D. Pedro. A espada de D. Alvaro, a voltear, é um circulo de morte, uma serpentina de aço.. Por fim, tomba cansado, gritando, com odio pela sua natureza humana: «O' corpo! Sinto que não podes mais... E tu, Alma, já não tardas...» E estiraçado, no solo, com uma primavera de sangue a reflorir-lhe o corpo exausto, o Conde de Avranches, D. Alvaro Vaz de Almada, sequioso, sofrego da morte, ansioso por ir ter com D. Pedro, chama assim pela agua corrente das espadas nuas: «Vá, rapazes... E' fartar!.. »

E' na Batalha do Toro, Duarte de Almeida, o Decepado. Nas mãos do heroi o estandarte real é a ambição maior dos castelhanos... Ei-lo perdido na floresta das lanças inimigas, perdido mas bem seguro pelas mãos de Duarte de Almeida. Uma cutilada leva a mão direita do valoroso português, a mão que levava a patria, ao alto, como um andor. Duarte de Almeida não hesita: entrega o estandarte à sua mão esquerda, — direita, naquele momento, direita por ser nobre... Mas cortam-lhe, tambem, a mão esquerda, a ultima esperança do estandarte aflito, tremulante... Duarte de Almeida, todo a desabrochar em mãos, para a grande reliquia, toma o estandarte nos dentes, a derradeira amarra, e só o larga, depois

de morto, quando o estandarte lhe cai sôbre o corpo, como se fossem os labios da patria a agradecer-lhe o gesto.

. . . .

Foi o Duque Fernando, que morreu no cadafalso, sem uma hesitação, sem uma quebra, que entregou a cabeça — como quem se descobre... Foi D. João II, o Principe Perfeito, segundo a Historia, imperfeito, segundo a verdade — que não tem nada com a Historia. D. João II, um rei torvo, um rei misterioso de cinema, soube matar, mas soube morrer tambem... Ele, que se não fôra rei pelo sangue, teria sido rei pelo orgulho, quis morrer como S. Francisco de Assis, com a cama no chão... Aos que lhe davam o titulo de Alteza, respondia: «Deixai, deixai... Sou apenas cinza e podridão.» Enganado pela imobilidade, julgando-o morto já, o padre que lhe assistia aos ultimos momentos, o bispo de Tanger, tentou fechar-lhe os olhos. D. João II, o grande vidente, o maior descobridor de mundos, quebrou-lhe o gesto com esta frase de ironia e doçura: «Bispo, ainda não é tempo...» E ao saber a altura da maré, ciciou: «Ainda viverei duas horas.»

D. João II, morreu, altivo e sereno, como se promovesse o seu ultimo descobrimento, o descobrimento da morte...

. . . .

E é D. Sebastião, o rei impossivel «le Roi Demain», como o classificou Gabriele d'Annunzio, um dos maiores gravadores de lapides de toda a Arte. Em Alcacer-Kibir. No areal imenso, onde as lanças aglomeradas são oasis de sangue, D. Sebastião, papoila alta, rodeado da fina flor da nobreza lusitana, combate como qualquer soldado, esquecido do comando, comandado por Deus... D. Sebastião deixou de ser o rei de Portugal, é o rei de si proprio. Está tudo perdido. D. Francisco de Mascarenhas pede-lhe em nome da patria, que se renda. D. Sebastião, iluminado como um vitral, sem o ouvir, combate sempre, certo de que a maior derrota é agora a unica esperança da maior vitória. «Só nos resta morrer», chora-se D. João de Portugal. E' nesse momento que D. Sebastião, o rei-menino, o rei-estrêla, um rei-nuvem como ainda ninguem teve, murmura a grande frase, a frase-patria, a frase que é toda a historia de Portugal: «Morrer sim... mas devagar.»

E morreu, morreu tão devagar que ainda não morreu, que surge sempre, quando é preciso, atento, vigilante, que morreu para ressuscitar a toda a hora... Depois da desaparição misteriosa na planicie infinita de Alcacer, os falsos Encobertos multiplicaram-se: o rei de Penamacor, o rei da Ericeira, o Pasteleiro de Madrigal... E ainda hoje, minhas Senhoras e meus Senhores, na praga de Messias que desabou sobre o meu país, êsses carnavalescos Desejados, carnavalescos e quasi sempre herois, continuam a ter muita saida. E' que em todos nós, portuguêses, audaciosos, aventureiros e sentimentais, ha um vago D. Sebastião, um D. Sebastião timido que deita as mãos para fóra da Alma, a certa altura, que pega numa lança e esgrime contra os moinhos...

. . . .

E foram ainda, na Historia de Portugal, os Tavoras — êsse Alcacer-Kibir sem beleza nem generosidade, com o outro D. Sebastião, Sebastião José de Carvalho e Mello, Marquês de Pombal, mais propriamente, naquelas circunstancias, marquê do Covil. Foi D. Leonor de Tavora, que, antes de Maria Antonieta, soube morrer no cadafalso,

como num *boudoir.* O algoz foi desnudando D. Leonor, sem piedade, sem respeito pela sua velhice; atou-lhe as mãos esbeltas e magras, assassino a prender as mãos de uma inocente. D. Leonor doce, resignada, serena, só teve uma frase para o carrasco, uma frase feminina e linda: «Carrasco, não me descomponhas.» Como esta frase é humana... As mulheres, no cadafalso, começam a morrer nos vestidos. Os rasgões são as grandes chagas da mulher. E foram ainda José Maria de Tavora, Luiz Bernardo, o Marquês, o Duque de Aveiro, tantos outros, tantos portugueses por êsses seculos fora, sagrados aviadores das suas Almas bemditas...

*
* *

Na Grande Guerra as mortes em verso foram tão frequentes que, na impossibilidade de as contar, de as vitalizar a todas, eu vou apenas, para exemplo, desenhar duas mortes: A morte de Mata-Hari, «La Danseuse Rouge» de — Charles Henry Hirsch, e a morte de Guynemer, «Le Chevalier de L'Air», na expressão de Henry Bourdeaux. A caminho do *poteau* de Vincennes. Uma

soror acompanha Mata-Hari, consola-a, absolve-a, prepara-a para a ultima espionagem, — a espionagem de Deus... Mata-Hari chora, chora muito, com ternura por si propria, saudosa dos seus bailados, dêsses bailados que lhe punham o ceu ao alcance dos gestos. . No jardim dos seus olhos, com as meninas em flor, cai a chuva impiedosa do seu pranto...

— Não tenho sequer um lenço para enxugar as lagrimas — murmurinha Mata-Hari — a dois passos já do *poteau* onde vai ser fuzilada...

A boa freira empresta-lhe imediatamente o seu lenço, um lenço de grosseiro linho, o lenço de quem não chora...

E Mata-Hari, ouvindo já as vozes de comando que a vão crucificar ao poste, recusa o lenço à soror, com esta frase de futilidade, de orgulho e de esperança, a esperança de quem confia, em absoluto, na sua beleza, para saber que essa beleza não morre.

— Êsse lenço, não, querida irmã .. Compreende, não é verdade? Ia fazer-me doer os olhos...

Em Saint-Pol-Sur-Mer, no campo de aviação da esquadrilha das Cegonhas. Em 11 de Setembro de 1919. Oito horas da manhã. Guynemer, o grande esfomeado das asas, em busca de aviões

inimigos, como um coleccionador de falenas gigantescas, seguido por Bozon-Verduras, levanta vôo, mais uma vez, no seu *Vieux-Charles* — obediente corcel de tela e de aluminio .. Pelas alturas de Poelcapele, na Belgica, Guynemer encontra um biplano alemão, apetitoso como uma vitória! Prepara-se para lhe dar combate. Bozon-Verduras descobre, ao longe, um grupo de oito monoplanos alemães, em direcção às linhas inglesas. Não hesita. Segundo o estabelecido com o seu valoroso chefe, avança sobre êles, para os entreter, para os distrair, para que Guynemer possa, com toda a tranquilidade e confiança, abater o avião como quem alveja uma pomba — uma pomba negra... Mas quando Bozon-Verduras regressa em busca de Guynemer, o espaço é vasio, vasio como um altar a que tivesse sido roubada a imagem unica.

Que é feito de Guynemer, êsse Deus precoce, êsse Deus de vinte e tres anos e já eterno? Na sua ansia de subir, na sua ansia de roubar o ceu, terá êle olhado para o sol, como um grande avião, como um avião inimigo? Terá êle desejado abatê-lo? Terá queimado as asas? Ninguem o sabe. De Guynemer no espaço, como de D. Sebastião na planicie de Alcacer, nunca mais se

soube .. Guynemer é o D. Sebastião do ar. Como o Desejado, tambem êle não morreu, tambem êle continua a voar, como no ceu, na Alma de todos os aviadores... Nêste momento, minhas Senhoras e meus Senhores, acaba êle de voar nas almas atlanticas de Sacadura Cabral e Gago Coutinho, almas enormes, almas do tamanho do oceano...

E têm sabido morrer, como poucos, os ladrões, os assassinos, a turba-multa dos indisciplinados, que morrem como matam, com naturalidade, com sangue-frio, cometendo o seu ultimo roubo e o seu ultimo crime, roubando a gravidade à morte matando-a, com ironia e desprezo. Foi Taboeuf, o bandido, que a meio minuto da morte, no cadafalso, aconselhou, num grito, os seus companheiros perdidos na turba: «E sobretudo, não confessem nunca!»... Foi Robert La Science, um assassino que lidava com sangue como um pintor com tintas, que se recusou ao confessor, com este trocadilho: «La Science ne veut rien avec la religion...» Foi Bolo Pachá que se dirigiu para Vincennes, como quem vai para Long'champs, bem enluvado, bem vestido, vassalo do ultimo figurino, que foi para a Morte como quem vai para a Bolsa .. E foi, ha pouco tem-

po ainda, um personagem de novela policial, que entregou a cabeça ao cutelo, de cigarro ao canto da boca, a sua cabeça que foi cortada pela guilhotina, como um charuto, como um charuto de picar... E foi por fim — atenção, minhas senhoras! — Landru, o Barba-Azul, essa floresta humana de misterio e de duvida... Foi Landru — êsse remorso da vida moderna que o criou e que o matou... Landru, não foi mais, afinal, do que um açambarcador. Landru era, acima de tudo, um comerciante de moveis. O que eram as mulheres, para êle, senão moveis? Quando não tinha casa para os guardar, tornava-os imoveis, escondia-os na arrecadação da morte... E, na verdade, não ha nada mais parecido com um movel, com todos os moveis, do que uma mulher... Pois não é a mulher a nossa cadeira predilecta, o nosso *maple?* Os seus cabelos sobre os seus olhos eletricos — não são o nosso *abat-jour*, o *abat-jour* da nossa intimidade? Não é ela a nossa estante, a estante donde saem os nossos livros, os nossos versos? A mulher é um movel, um movel tão movel, que é frequente vir a prateleira abaixo... Não se zanguem as mulheres com êste confronto. Os moveis têm cabeça, tronco, membros e alma. Ou eu não entretivesse um *flirt*, ha muito tempo, com a

psyché do ***boudoir*** de certa amiga minha... As mulheres são moveis, porque, movendo-se sempre, vivem para estar, para dar conforto à Vida... Ha as mulheres-secretarias, as mulheres que nos ajudam, que nos arrumam os sentidos e os papeis, sobre as quaes nós escrevemos tudo, os nossos versos, os nossos romances, as nossas cartas... Ha as mulheres-cofres, as mulheres onde guardamos as nossas confidencias, os nossos segredos, mulheres que, consoante o seu sexo fraco, não podem, de modo algum, ser cofres-fortes... Ha muitas mulheres-guarda-joias... Ha as mulheres-pianos que vibram melodias ao contacto dos nossos dedos... Ha as mulheres-***toilettes*** — que são quasi todas as mulheres. Ha as mulheres-cabides, mulheres magras, mulheres em osso, que mudam de chapeu todos os dias... Ha as mulheres-comodas e ha, principalmente, as mulheres incomodas... Landru, foi, portanto, o maiór filosofo da mulher, o que melhor a compreendeu: êle não fêz mortes, êle fêz mudanças... Que admira a paixão das mulheres por Landru se todos nós, homens e mulheres, nos apaixonámos por êle, se todos nós — porque não havemos de dizer a verdade toda? — tivemos um certo desgosto com a sua morte? A unica mulher de Lan-

dru foi, afinal, a nossa Epoca, a nossa epoca paradoxal, de monstros e de santos .. Feio como Satanaz, Landru foi lindo, para as mulheres, como a tentação. Landru não é, entretanto, o orgulho do meu sexo. Landru não é a superioridade dos homens, é a inferioridade das mulheres, de certas mulheres...

Mas Landru soube morrer e Landru foi grande. Dormiu a sua ultima noite, com a serenidade dum inocente, com a tranquilidade dum justo. Quando o acordaram e lhe preguntaram se tinha mais alguma declaração a fazer, Landru teve apenas uma frase, a frase de um homem que deseja ser pontual no seu *rendez-vous* com a morte, — a ultima esposa: «Basta de formalidades... Não façamos esperar aqueles senhores...» Morreu sem um estremecimento, morreu como se casasse, entregou a sua cabeça à guilhotina — numa reverencia ..

A guilhotina! A ela se devem as mortes mais lindas, as mortes metrificadas com mais cuidado e rigor... A guilhotina é a grande classica da morte. Nem uma irregularidade, nem uma irreverencia, nem um desvio... As cabeças tombam, como alexandrinos sonoros... E' a unica atenuante da guilhotina: a sua justeza, compensa-

dora, às vezes, da sua injustiça .. A guilhotina é como a grande boca duma mulher gigante. As bocas das outras mulheres são miniaturas da guilhotina. Ha labios de mulher que descem sobre nós, como um cutelo, que nos fazem perder a cabeça — como no cadafalso... E' essa a razão por que os grandes amorosos, os grandes apaixonados da Vida, não temem a guilhotina, sorriem-se para ela, fazem-lhe frases — como às mulheres ... Bemdita seja a guilhotina, pelas mortes que nos dá — êsses admiraveis retratos em sanguinea...

Fora da guilhotina, a Vida moderna deu-nos, ha pouco, a morte inédita, a morte gloriosa de Lord Maior de Corck. Êste homem, a caminho da Morte em passo de procissão, foi o grande cirio da Irlanda Martir, um cirio que se consumiu, que se derreteu — mas que ainda ilumina a raça. Lord Maior de Corck morreu baixinho, em surdina .. Foi-se matando aos poucos — para morrer mais vezes... Lord Maior morreu emparedado dentro de si, morreu no seu corpo, como num esquife. A sua morte vale como uma lição, uma grande lição de renuncia. Lord Maior é o Christo Moderno: morreu tambem num madeiro, no madeiro do seu leito. Êle morreu como se pensa.

Não se utilizou de nenhuma arma, de nenhum veneno. Morreu, por força de vontade. Para morrer à fome, teria sido necessario que Lord Maior de Corck desejasse comer e não pudesse... Ora êle jámais teve o desejo de alimentar-se, teve só o desejo de morrer. Não ha morte mais voluntariosa por certo. O homem que morreu assim, por sugestão, por ordem da sua inteligencia, que se matou com um tiro da vontade, é capaz de ressuscitar. Os homens como o Lord Maior de Corck, devem ter um bilhete de livre transito entre a Vida e a Morte...

E basta de mortes, minhas Senhoras e meus Senhores. Devem estar mortos de fadiga.. Sinto que os assassinei de tedio, morte sem beleza nem *pannache*. Perdôem-me, perdôem-me esta carnifina... E' que eu tenho um grande culto pelos triunfadores da morte, pelos cabotinos da ultima-hora. Posar perante a Morte, ser artificial no ultimo instante da Vida, é o maior heroismo. A Morte deve ser composta em parangonas, em letras de cartaz. Ajoelhemos, ajoelhemos perante essa legião de Quixotes do Além, perante êsses navegadores do Infinito. São êles que nos reabilitam das nossas torpezas, dos nossos materialismos, da nossa gula pela Vida. Êles são os embai-

xadores da Humanidade, junto de Deus. A Morte, para esses fidalgos do *néant* é uma recepção· Foi assim que Ruben Dario morreu, apalpando as abas do seu *smocking*. Os que morrem com um sorriso, com uma frase, com um gesto, são os maiores artistas, os gravadores das suas proprias lapides. Não ha vida que valha qualquer morte com asas. Não ha obra que chegue à frase dum moribundo. Creemos a religião dos imortais, dos escultores da sua ultima-Hora. Êles ensinam-nos a morrer, ensinando-nos, em sua tranquilidade e confiança, que a morte não existe...

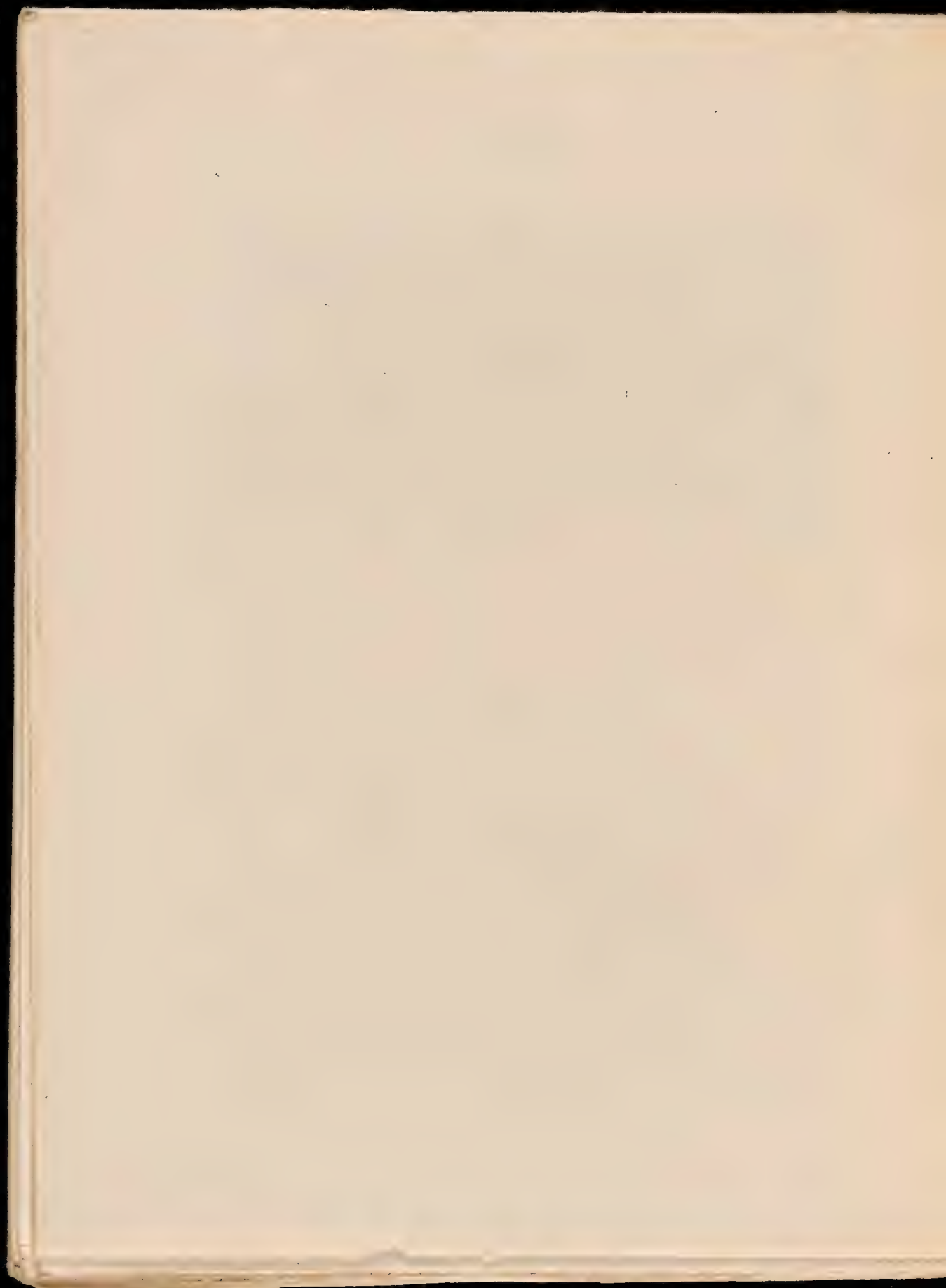
Terminemos com o preconceito religioso dos suicidas. Como eu já dogmatisei na «*Teoria da Indiferença*», «os suicidas são os turistas da Morte». Êles vão para ela, como para um mundo desconhecido, que é preciso devassar. Na medida das suas posses, êles partem para a Morte, êles viajam no Além: uns, civilisados e opulentos, no *sud-express* de um tiro de pistola; outros, decadentes e perversos, no *wagon lit* do opio ou da morfina; outros ainda, ambiciosos e audazes, no avião da forca, e, finalmente, os mais pobres, os mais humildes, na diligencia do sublimado . . Mas todos êles se aventuram, todos êles morrem, heroicamente, por designio proprio...

Chego ao fim. Antes, porém, eu quero falar-vos, da morte mais bela, da morte que seria a mais bela se alguem tivesse a coragem de afrontá-la... Suponham um poeta moderno, um poeta decadente, um alcoolico dos sentidos, «blasé», cansado da vida como duma mulher perversa. Suponham mesmo que êsse poeta era eu. Para morrer, para morrer como um soldado no seu posto, êsse poeta suicidar-se-ia com uma conferencia que se chamaria «A Arte de Bem Morrer» e cujo ponto final seria um tiro de pistola. Morrer, morrer de negro, morrer perante o publico, frente a frente com a vida moderna, saber que a sua morte, pela teatralidade arrancaria, ao menos, um grito de pavor e de sentimento! .

Morrer, com a morte mais bela, ao fim de um *compte-rendu* de mortes gloriosas, de mortes vivas!... Como eu gostava de ser êsse homem, minhas Senhoras e meus Senhores... Como eu gostava de vos ter dito esta conferencia, de vos sorrir e de me retirar — para sempre!...

Lentamente, num *smorzando*, eu olhar-vos-ia, com os meus olhos amolecidos, quasi liquidos, todos de branco, como um lenço, a acenar-vos o ultimo adeus... Os meus dedos, pagens da minha realeza, arrancariam da minha algibeira, como

um sceptro, a pistola redentora. E, antes que houvesse em vós, a percepção do meu gesto, eu levaria a arma à boca, como um veneno, tiraria o gatilho e tombaria ensanguentado, como uma frase; como a minha ultima frase — escrita a vermelho... Seria muito belo. Simplesmente, minhas Senhoras e meus Senhores, o Brasil é um poema, e eu quero decorá-lo, antes de morrer, para o recitar a Deus. Fica, portanto, adiada a minha morte.

FIM

ERRATA

Nas paginas 5, 12, 20, 23, 31, 34, 37, 46, 51, 53, 57, 58, onde se lê «A memoria», «cindre», «vae falar-vos da «Arte de Bem Morrer», «Schariar sem Scherazade», «macdamisar», «como se fôsse um sonho», «Os dois ladrões insultam Christo», «nos ataques às Tulherias», «Na Praça da Revolução», «entrega o estandarte à sua mão esquerda», «Em 11 de Setembro de 1919», «Robert La Science», «Lord Maior de Corck», «pannache», leia-se, respectivamente, «Á memoria», «cinabre», «vae falar-vos da «Arte de Bem Morrer», «Schariar sem Scheherezade», «macadamisar», «como se fosse num sonho», «Um dos ladrões insulta Christo», «no ataque às Tulherias», «na Praça da Revolução.» «ergue o estandarte com a mão esquerda», «Em 11 de Setembro de 1917», «Raymond La Science», «Lord Maior de Cork», «panache». Dos outros erros, pela sua facil revisão, cuidará o leitor. O discurso de abertura vai conforme a ortografia adoptada pelo ilustre escritor brasileiro Menotti del Picchia.